



Brasília

CADERNO DE RESUMO • SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

Lélia

Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas

✓ **Brasília**

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Belém

Salvador

Belo Horizonte

São Luís

**29 e 30
de outubro
de 2024**

Centro Cultural
Banco do Brasil
- Brasília





SOBRE

**Lélia
Gonzalez**

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

SOBRE O PROJETO MEMÓRIA

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 29.OUTUBRO.2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” Brasília, DF

Convidada
Macaé Evaristo



Ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania do atual Governo. Professora e assistente social, também é deputada estadual licenciada por BH. Foi vereadora e secretária de Educação de Belo Horizonte, secretária de Educação de Minas e secretária de Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação.

Mediadora
Melina de Lima



Coordenadora de Articulação Interfederativa no Ministério da Igualdade Racial, diretora de cultura e educação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, co-fundadora do projeto Lélia Gonzalez Vive e neta orgulhosa de Lélia Gonzalez.

Convidada
Lúcia Xavier



Ativista de Direitos Humanos e Assistente Social (UFRJ). Co-fundadora e coordenadora geral de CRIOLA, organização de mulheres negras. Foi premiada com a Medalha Pedro Ernesto (2023), Prêmio Inspiradoras - Justiça para Mulheres (2023), 31ª Medalha Chico Mendes de Resistência (2019) e Prêmio Maria do Espírito Santo Silva (2018).

Convidada
Edileuza Seles



Quilombola e mentora. Graduada em Matemática e Análise de Sistemas, além de MBAs em Finanças e Banking, e em Liderança e Inovação. É funcionária do Banco do Brasil e integrante do grupo auto-organizado BB Black Power.

PAINEL I

A Luta Antirracista e Antissexista de Lélia Gonzalez

FALAS DE ABERTURA



Cecy Wenceslau (Mestra de cerimônia): É com grande alegria que damos início à primeira noite do seminário do “Projeto Memória Lélia Gonzalez: caminhos e reflexões antirracistas e antissexistas”. Esse é um momento muito especial, onde celebraremos e homenageamos a história, a luta e o legado de Lélia Gonzalez, cuja contribuição foi e continua sendo inestimável para a sociedade. Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão pela presença de cada um de vocês.

Para começar nossa jornada de hoje, iremos exibir o vídeo institucional que apresenta o “Projeto Memória Lélia Gonzalez”, e, na sequência, teremos o prazer de assistir ao vídeo documentário que aborda a trajetória e a atuação de Lélia Gonzalez.

Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia Gonzalez, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa, que começou em Salvador, em maio, já passou por Belo Horizonte, São Luís, e estreia hoje em Brasília, seguindo por mais três capitais brasileiras, com exposição e seminário que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até agosto de 2025. Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. A Fundação Banco do Brasil, instituída em 1985 pelo Banco do Brasil, tem em sua nova estratégia o propósito de promover o caminho para a trans-

formação social e a relação sustentável com a natureza. É a realização do projeto em homenagem à Lélia Gonzalez, remete aos princípios do respeito cultural e ao valor da diversidade. É a temática trabalhada na obra de Lélia, abrange questões essenciais a grupos integrantes dos públicos priorizados pela Fundação Banco do Brasil.

Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer ao Instituto Federal de Brasília, à Secretaria de Educação do Distrito Federal, ao Instituto Memória Lélia Gonzalez, à Fundação Banco do Brasil, ao Centro Cultural Banco do Brasil, de Brasília, e ao Governo Federal do Brasil: União e Reconstrução, pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”.

Convidamos nesse momento, para uma breve fala, o filho da nossa homenageada Lélia Gonzalez, o senhor Rubens Rufino.



Rubens Rufino: Boa noite, gente. Bom; falar de Lélia Gonzalez, eu como filho, fica difícil. Eu não tenho cabedal para falar de Lélia Gonzalez. Eu posso falar da Lélia de Almeida, a Lélia mãe, a Lélia vó. E assim, é muito interessante está aqui em Brasília, há pouco tempo, foi no sábado, eu completei 27 anos de Brasília. Eu sempre digo para as pessoas que eu já me sinto um “cariocandango” porque, assim, eu fui muito bem recebido, muito bem acolhido por Brasília. É uma cidade, assim, que eu tenho um grande carinho. Não pretendo sair daqui - apesar de amar minha cidade.

E minha mãe também teve um período que ela não morou, não se mudou para cá, mas ela conviveu e sempre falava muito bem da cidade. Foi de 85 a 87, quando ela era conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Ela sempre falou muito bem dessa cidade.

Mas continuando, eu não tenho cabedal para falar de Lélia Gonzalez. Tem a minha filha, que também é historiadora igual à avó; tem o Marcelo também, já fez trabalho com gênero e raça; e tem várias outras pessoas que vão estar aqui para falar de Lélia. O que eu posso falar, assim, é Lélia mãe, uma pessoa

maravilhosa, que me deu uma oportunidade de crescer como ser humano e, principalmente, como homem negro.

Eu lembro que, desde criança... criança, não, já adolescente, ela me levava para as reuniões que aconteciam no Rio de Janeiro, no Teatro Opinião, em que havia reuniões - se eu não me engano, era o primeiro sábado ou o último sábado do mês -, que se reuniam as pessoas da esquerda, né, os progressistas, e se reuniam também as pessoas que estavam formando o movimento negro.

Então, ela teve sempre essa preocupação de me colocar num mundo que era o mundo da minha realidade. Mesmo que nós tivéssemos tido - ela, principalmente -, tivesse tido uma ascensão social, mas o negro nunca vai deixar de ser negro, independente da sua condição socioeconômica. Isso foi muito claro para mim durante... claro, não, foi muito escuro para mim durante toda a minha fase de vida quando criança, até... mesmo depois que ela foi para o Orum, eu sempre tenho isso guardado em mim.

E outra coisa interessante também, que me fez reforçar a questão da negritude, foi que as reuniões do MNU ocorriam lá em casa, no Cosme Velho. As reuniões de mulheres negras, ainda não tinha sido formado o Nzinga - também ocorriam lá em casa. Então, eu tive oportunidade de conhecer... não era um militante, não participava das reuniões, mas eu ficava no meu quarto vendo tudo que acontecia, ouvindo cada um contando a sua história, qual era a estratégia para conseguir mudar essa estrutura racista no Brasil.

Foi muito interessante, muito importante. Uma coisa muito legal também que eu via nela é que as pessoas que no meu círculo de amizade, as meninas se engajaram na luta pelo feminismo; amigos falaram: "deixei de ser machista por causa da sua mãe"; e principalmente, lutar contra o racismo, independente de cor - preto ou branco. Porque o racismo, ele tem que ser lutado por qualquer ser humano digno. Por qualquer ser humano que pensa uma sociedade justa. O racismo não... a luta pelo racismo, ela não tem que ter cor. Não pode ser in-

cumbida somente aos negros para lutar. Os brancos também têm que fazer sua luta contra o racismo.

E nessa história, como eu percorria vários lugares com ela, eu achava interessante. Como eu disse, eu tive a oportunidade de assistir uma aula, então eu a via conversando com os alunos. Foi na PUC. Depois, eu já fui a palestras com ditos intelectuais, pessoal da academia, e ela falava também. E lá no Cosme Velho, tinha na esquina da nossa rua o bloco carnavalesco dos Guararapes, e ela sentava e dava o seu recado. Então, ela tinha essa eloquência de falar para todos os públicos e ser entendida em todos os públicos, né? Isso eu acho muito interessante, muito legal, porque eu acho que ela tomou essa proporção - o discurso dela, o estudo dela, a fala dela, os textos dela conseguem ter essa proporção, essa dimensão - exatamente por essa capacidade de comunicação que ela tinha. Isso é uma coisa que me... me orgulha muito ter aprendido com ela.

E ela, além disso, era avozona. Melina e Marcelo tão aqui para comprovar. Dorinha, que está aqui do meu lado, a bisneta, com certeza ia adorar também vó Lélia, né, Dorinha? Ia ser legal demais, né?

Então, gente, é muito interessante tudo isso que está acontecendo. Eu não deixo nunca de agradecer a Fundação Banco do Brasil, a AACIC - Associação dos Amigos do Cinema e da Cultura, por ter levantado essa bandeira, ter escutado quando, pela primeira vez, eu e minha filha Melina estivemos aqui para conversar com o pessoal da Fundação, e eles compraram a ideia, porque era uma coisa que já estava projetada. Então, o quanto é importante a gente ter ações como essa. Porque isso se reverbera, né?

Daqui a pouco, posso... tenho certeza de que vão ter outras intelectuais importantes na história do Brasil, quer dizer, para reforçar que a mulher... o povo negro e as mulheres negras, principalmente, são protagonistas da história desse país.

Então assim, tem outras que podem acontecer. Então, meu agradecimento primeiro ao público que está aqui. Muito legal

está aqui dando essa força. Isso é importante para marcar território, né? Vocês têm aqui, ao mesmo tempo, muitos com o intuito de conhecer mais Lélia Gonzalez... como disse a Angela Davis, “beber da fonte de Lélia Gonzalez”, né? Então, gente, eu só tenho a agradecer. E Lélia Gonzalez vive. Valeu!



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): Neste momento, convidamos o presidente da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, o senhor José Alberto, para uma breve fala.

FALAS INSTITUCIONAIS



José Alberto Melo: Boa noite, gente. Muito obrigado pela presença de vocês. Inicialmente, quero agradecer à Fundação Banco do Brasil, representada aqui pelo seu presidente, Kleyton Moraes, nessa parceria com a nossa Associação Amigos do Cinema e da Cultura.

Nessa noite, me dá muita alegria de tá aqui presente nesta abertura da exposição e do projeto deste seminário, “Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”, da “Memória Lélia Gonzalez”.

Este projeto, como já foi dito aqui, já esteve em Belo Horizonte, Salvador e São Luís, e alcançou mais de 7 mil estudantes do ensino público. E aqui no Distrito Federal também terá uma participação de mais de 2 mil alunos, estudantes, com passagens, lanches, tudo gratuito, proporcionado pela Fundação Banco do Brasil nessa parceria.

É fundamental refletirmos sobre as questões dessa resistência, sobre as questões do preconceito de classe, de gênero e de raça na nossa sociedade. Comemoramos 90 anos de Lélia com suas ideias, seu pensamento, e que nos leva a ter a coragem de levantar as bandeiras de resistência por transformações que liquidem de vez o preconceito, e construirmos um país justo pra todos nós. Muito obrigado, Boa noite e um evento exitoso.

Eu não estou nervoso. Eu estou comovido, porque a gente se sente muito pequeno nessa dívida que o nosso país tem conosco, né? E tantos heróis e heroínas, como ela, são desconhecidos completamente da maioria dos nossos irmãos brasileiros e brasileiras. Então, eu saí dali para falar com muita dor no coração, com muita emoção, ouvindo o Rubens, filho, também falar. Muito obrigado e me desculpem.



Cecy Wenceslau (Mestra de cerimônia): Convidamos para a sua fala o presidente da Fundação Banco do Brasil, senhor Kleyton Moraes.



Kleyton Moraes: Boa noite. Queria começar saudando a cada uma e a cada um, mas em especial aqui também fazer uma nominata, acho que é importante. Estamos falando do legado de Lélia Gonzalez, e eu acho que esse legado repercutirá e repercute também, né, nos sons dessa nominata, que eu gostaria de fazer um destaque aqui. Primeiro, eu queria me dirigir aqui à família de Lélia, às pessoas de Rubens Rufino, filho; da Melina de Lima, neta; de Marcelo de Lima; e Dora. E referindo aos filhos e às filhas, né, dessa circunstância que Rubens falava aqui, né, desse profundo conhecimento - e por que não dizer, também, dessa compreensão. E aí, Rubens, eu queria também destacar algo que é superimportante. Você que está à frente do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, e o quanto que isso também, ao mesmo tempo, honra, eu imagino que seja um processo também de doação e de dedicação profunda. Eu conversava tempo desses com Indiana Nomma, que também foi convidada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra a buscar um processo de construção da memória do pai dela. Ela falava o quanto isso custa, né, do ponto de vista de organização, de dedicação, enfim. Então, queria também fazer esse reconhecimento, né, pela essa peleja que é extremamente importante, mas que tem muito trabalho, muita dedicação, né, nesse processo também. Queria referir aqui à nossa ministra também, a nossa ministra Macaé Evaristo, né, que é desses le-

gados de Lélia Gonzalez, nessa resistência, e numa tarefa extremamente importante, né?

Proteção, sorte, muita determinação, e ratificar aqui de público, ministra, que a Fundação Banco do Brasil está à disposição para que a gente possa convergir nas ações estruturais de políticas fundamentais para o nosso povo brasileiro. Obrigado, querida.

Saudar aqui também a companheira Lúcia Xavier, que é ativista dos direitos humanos e assistente social da UFRJ; Edileuza Seles, que é do BB Black Power; José Alberto, que é o nosso presidente, já mencionado aqui à fala; a Lidiane Orestes, nossa colega, companheira, que é gerente executiva no Banco do Brasil, que tem dedicado também com bastante afinco essa discussão interna, e... pra dentro e pra fora do Banco do Brasil; a Nívia Mota, gerente de soluções do Banco do Brasil; Marcos Mourão, do Conselho de Educação aqui do DF; a minha companheira, Flávia Costa, representando aqui a nossa ministra também da Cultura, a ministra Margareth Menezes; e ao Bruno Renato, secretário nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, do DF. Queria também, antes de prosseguir, saudar os meus companheiros da direção da Fundação Banco do Brasil: a diretora Luciana Bagno, que é diretora de Desenvolvimento Social, e o companheiro Gilson Adriano, que é também dirigente e diretor executivo da Fundação Banco do Brasil; e, em nome deles, saudar a cada uma e a cada um dos colegas, os meus companheiros, né, que trabalham e tornam possível essa travessia dedicada da Fundação Banco do Brasil.

No seminário lá no Maranhão, as companheiras traziam o debate, sobre a desconstrução. Descolonizar o pensamento ou o pensamento a partir do sul global, mas tratando... um aprendizado, Flavinha, que tive com o nosso presidente João Jorge, né, das discussões do pan-africanismo. Acho que se trata disso, fundamentalmente, né? Discutir a memória pra, justamente, a gente ter uma outra perspectiva e outros olhares, né? Imaginem nós que os processos do mundo científico, até pouco tempo atrás, entrelaçavam a perspectiva do direito, o direito brasileiro, com relação à perspectiva, né, por traços - aí,

no caso, fenotípicos -, de qual era a tipologia, né, do agressor, do criminoso brasileiro. E ali inspirado por uma literatura, né? Por uma literatura, uma pseudoliteratura médico-legal que fundamentava isso. Então, falando aqui de Cesare Beccaria.

Então, é fundamental a discussão também do ponto de vista da academia a partir também desses valores que são tão caros, e fundamentais, e enraizados, né?

Se fala muito, dentro dos preconceitos, de que a música de matriz africana, a música de terreiro, é uma música de improviso. Que com esse improviso... querendo, assim, depreciar os processos de construção. Uma extrema ignorância, né? E um profundo desconhecimento, é uma música extremamente sofisticada... falo desse lugar, porque estudo... ou estudava e me dedicava, antes de chegar aqui na presidência da Fundação Banco do Brasil, a esse tema.

E acho que o “Projeto Memória” também significa, pra todos nós, e pra Fundação Banco do Brasil, né, um ponto de convergência. Lélia nos inspira também nesse sentido, né? E temos feito grandes convergências. Convergências que vão, né, na própria experiência da Casa Bené,

Tivemos a oportunidade de convergir ali, ver as experiências de advocacy do povo preto, né, fazendo gestão junto ao legislativo, ao judiciário, ao executivo; influenciando e determinando as políticas públicas; discutindo o orçamento público, que é tão fundamental, né, quando a gente fala dos processos de reparação, dos processos de concertação.

Eu acho que essas convergências nos animam e nos inspiram, no sentido de a gente fazer o que precisa ser feito.

Do ponto de vista interno, a Fundação Banco do Brasil passa por um processo também de profunda transformação com os processos... cadê a Ana Bianca? Que tem sido convergido, liderado, por essa companheira, mas com a contribuição de todas e todos, no sentido de promover uma efetiva diversidade da Fundação Banco do Brasil; fazendo com que, em último processo seletivo, a gente fizesse um chamado para que as

mulheres pretas, e pardas, e indígenas pudessem vir a habitar esse lugar e a se definir, né, trabalhando na perspectiva, e com profunda empatia, as pautas do povo da diáspora - e a pauta também, né, das comunidades indígenas.

Então, estamos convergindo num acordo de cooperação para que a gente convirja ou dê o pontapé na elaboração e fortalecimento das políticas públicas dedicadas ao povo da diáspora.

Então, contem com a Fundação Banco do Brasil. Lélia nos inspira, nos educa, ela nos dizia sobre uma pauta que é fundamental.

Então, é fundamental, essa vivência de Lélia também para estar denunciando questões como essa, que ainda são apontadas. E, fundamentalmente, para celebrar essa potência, porque nós estamos falando de superação, né, de problemas estruturais. Mas também, ao celebrarmos Lélia Gonzalez, nós estamos falando da contribuição sensível, sutil, extremamente elegante e potente do povo preto. Então, estamos falando de felicidade, estamos falando de uma outra convergência, de uma outra construção, né, de um signo de país que tenha a inspiração e o DNA do nosso povo. Muito obrigado.



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): Obrigada.

Plateia: A luta continua.

FALAS DO SEMINÁRIO



Melina de Lima (Mediadora): Boa noite a todas, todos e todes. Estou extremamente emocionada de estar aqui na minha cidade. Eu sou, como diz o meu pai, “cariocandanga”. Já moro em Brasília há 26 anos e amo essa cidade. Estou feliz de estar aqui.

A gente roda o Brasil, né, com essa exposição, né, com esse projeto. A gente roda o Brasil falando sobre Lélia, sobre esse legado, a gente vai para a internet, mas estar aqui, agora, em Brasília, né,

na presença da minha avó, da minha mãe, da minha esposa, dos meus amigos, né, é muito, muito, muito emocionante.

Eu sou uma manteiga derretida, então eu vou ter que me controlar aqui. Eu tenho, como eu sempre falo, eu sou a neta orgulhosíssima de Lélia Gonzalez. Tenho também esse grande orgulho de fazer parte do Ministério da Igualdade Racial; É a primeira vez que a gente, de fato, tem institucionalizado no Governo Federal, um órgão, de políticas de promoção de igualdade racial.

Então, é um momento muito importante que a gente tem no nosso país. Sou historiadora, e estou feliz de estar aqui com essas grandes personalidades da luta feminista, antirracista,

Eu sempre falo o quão importante é ela ter teorizado a nossa luta, né? Porque para a gente viver num futuro... para a gente não precisar mais se tornar negra, né? Eu quero nascer negra. Eu quero já chegar chegando, sabe? Então, eu vejo agora a minha sobrinha Dora com todo o empoderamento, com toda a consciência racial, com todo o orgulho que ela tem de ser quem ela é: uma menina negra, uma menina preta, né? Então, é graças a essas teorias, esses grandes estudos de Lélia Gonzalez, de Beatriz Nascimento, de Sueli Carneiro, de Macaé Evaristo, de Lúcia Xavier, de Edileuza, enfim, que a gente chega nesse momento.

Eu até sempre falo, também, que eu nem gostaria que minha avó fosse tão atual, né? Eu queria que a gente já tivesse, de fato, superado esses grandes males da nossa sociedade. Mas é importante a gente ter tido Lélia Gonzalez. Eu sempre falo que Lélia Gonzalez vive em nós, né? Eu estou muito feliz e emocionada, de verdade, de tá aqui. Muito obrigada pela presença de cada um de vocês. É muito importante esse projeto. Inclusive, esse projeto é um projeto que... o primeiro “Projeto Memória” foi quando eu, pela primeira vez, me debrucei sobre o legado de Lélia, sobre as teorias de Lélia, sobre o que Lélia escrevia, né? Porque eu tinha realmente essa dificuldade de encarar isso como eu falei no vídeo, né? Dessas comparações. Então, foi com o “Projeto Memória”, há 10 anos atrás, né... um

pouquinho mais, porque quando acho que começou a pesquisa, foi lá em 2010, 2011. Eu era bem mais juvenzinha, mas foi quando eu entendi quem era Lélia Gonzalez. Que a minha avó Lélia era a grande Lélia Gonzalez. E é algo que eu carrego com muito orgulho e estou muito feliz de estar aqui hoje com vocês. Bom, obrigada. Eu passo a palavra, agora, para nossa professora, deputada, professora, ninguém sabe quem é, né? Porque todas somos. Mas a nossa grande ministra, Macaé Evaristo.



Macaé Evaristo: Bom, boa noite. Quero cumprimentar aqui... começar pelo Rubens Rufino, o filho da Lélia Gonzalez. Dizer que é uma alegria está aqui com vocês, com a família toda, aí cumprimentando o Rubens. Eu quero cumprimentar a Melina de Lima, que está aqui com a gente nessa mesa. O Marcelo, a Dora... que eu acho que a Dora eu não conhecia, não.

Enfim, então saudar essa família maravilhosa que está aqui com a gente. E que eu acho muito bom a gente poder estar aqui, assim, famílias negras nesse coletivo. A gente se sente muito representada, porque às vezes as nossas famílias, elas também são invisibilizadas. Então, que ótimo que a gente está aqui nesse seminário, pensando, refletindo com a Lélia Gonzalez, mas também muito, assim, afetuosamente com a família dela.

Eu quero saudar o Kleyton Moraes, o presidente da Fundação Banco do Brasil, e dizer para o Kleyton que a Fundação Banco do Brasil, ela é muito importante para nós, é muito importante para o Brasil pelos projetos que ela apoia, que são projetos emancipatórios, projetos que incidem em diferentes agendas das políticas públicas, e dizer especialmente desse projeto, que eu tive muita sorte.

Quando eu fui secretária de Educação de Belo Horizonte, a Fundação Banco do Brasil fez a exposição do João Cândido. E a gente pôde levar pra Belo Horizonte e fazer circular todas as escolas, todas as regionais da cidade, para que estudantes das escolas públicas pudessem conhecer um pouco mais o João Cândido.

E como que isso foi importante, né? Importante naquele processo nosso de implementação da Lei 10.639. E depois eu pude me encontrar com a Lélia, logo no início. Eu fui secretária de Estado de Educação, e aí vocês estavam colocando o “Projeto Memória” da Lélia aí já para fazer a exposição.

E eu dei sorte também, gente, porque assim, eu falei: “ah, eu tô aqui, eu tô aqui. Vamos levar pra Minas Gerais”, e a gente levou lá para o Centro Cultural Banco do Brasil, em Minas, para que os estudantes de Minas Gerais pudessem ter acesso, e logo depois a gente foi interrompido, né? Mas que felicidade que é a gente está aqui de novo.

Eu quero cumprimentar o Zé Alberto, que é o presidente da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, e minhas colegas de mesa, Edileuza, a Lúcia Xavier. Eu vou cumprimentar aqui também, gente, o Bruno Renato, que é Secretário Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos.

preparei algumas coisas aqui, mas vendo o filme, né, aí a gente fica mobilizado por outras coisas que vão passando pela cabeça da gente. Eu acho que nós estamos num momento político importante. Acabamos de realizar eleições em todos os municípios brasileiros. Eu falo que o momento do processo eleitoral é um momento muito forte, porque não é só o resultado que está na urna, mas todo o processo que se constrói em torno de uma eleição, que é do debate de ideias. E o que a gente viveu aí nos últimos dias, e vendo o filme da Lélia, eu fiquei pensando que, eu não queria falar sobre...eu quero falar da teoria da Lélia, mas principalmente a partir de um aspecto que eu aprendi com o Paulo Freire, que é o educador, que é falar da nossa práxis.

Paulo Freire, ele tinha uma ideia e afirmava que nós, como educadores... eu falo: “mais educadores e mais emancipatórios nós seremos como educadores se a nossa práxis corresponder à nossa teoria”. E quando eu olho toda a trajetória da Lélia, né, eu fico pensando que ela tem uma lição importante para dar pra todos nós que atuamos na luta antirracista, né, na

luta pelos direitos humanos no nosso país, na luta feminista, que é não perder de vista a nossa práxis e a nossa atuação, que ela é revolucionária, mas ela precisa ser revolucionária no cotidiano da vida de todas as pessoas. E acho que o filme ali, quando você fica olhando as imagens, né, o jeito da Lélia falar - alguém falou aqui -, o jeito que a Lélia falava, o jeito que ela escreveu, né? Então, ela vai para a academia para subverter e revolucionar. Para fazer uma escrita, que ela é apropriada por todas as pessoas - mulheres e homens - no nosso país, seja lá na academia, seja sentada numa mesa de boteco, seja conversando com um grupo de pessoas em qualquer lugar do país. E isso me faz refletir muito, né? E pensar muito sobre, um pouco, o que que a gente está fazendo do ponto de vista da nossa ação e da nossa atuação política.

E penso que nós não podemos perder de vista que o nosso compromisso em cada um desses lugares, atentando para o pensamento da Lélia, é exatamente produzir, eu vou dizer assim, uma revolução que mude essas estruturas por dentro. Eu acho que a gente não perder de vista essa referência, que é o que a gente vê quando a gente olha pra trajetória da Lélia, porque ela foi pra universidade, mas ela não deixou de conversar com as mulheres, com as mulheres da periferia, com as mulheres em todos os lugares, com as mulheres vítimas de violência obstétrica.

E ela também fez uma coisa, que é um pouco o que eu trato no filme, que é não abrir mão da política. No momento que nós vivemos, que muitas vezes a gente é tentado a abrir mão da política, a Lélia, eu acho que o tempo todo ela trouxe essa perspectiva de que ela é um ser político e que ela faz política em todos os lugares onde ela está.

Qual que é o nosso desafio? O nosso desafio, né, e eu tenho pensado muito sobre isso, é como é que a gente mostra e dialoga com as pessoas para compreenderem que, quando nós estamos falando de direitos humanos, nós estamos falando da nossa possibilidade de existir. E de direitos que são fundamentais, né? Quando a gente tá pedindo água, um lugar pra

tomar banho, um banheiro onde a gente possa usar um sanitário: “pra população em situação de rua?”, eu digo: não é só pra população em situação de rua. É para homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, que atravessam os nossos centros urbanos e, muitas vezes, não têm como tomar um copo de água, não têm como usar um sanitário, né?

Então, nós estamos falando de coisas muito importantes, que nos fazem poder viver com dignidade às cidades, mas que, para boa parte da nossa população, é um sonho distante. Nos grandes centros urbanos... eu venho de Belo Horizonte, mas aqui em Brasília, para a gente tomar um copo de água, eu falo, não é igual na minha cidade do interior, que eu bato na porta, né, da minha vizinha e falo: “me dá um copo d’água aí”, né? Não é assim.

A gente tem que comprar. Agora, a gente, muitas vezes, não para pensar que isso, muitas vezes, para um trabalhador e uma trabalhadora, é muito difícil. Não cabe lá no seu orçamento. Então, como que a gente traduz isso?

E acho que esse é um aprendizado, sabe, que a gente pode trazer para esse campo da política, que é: como fazer a política sem desconectar - eu vou dizer assim, gente - da vida como ela é. Porque, às vezes, nós estamos falando tudo certo, mas nós estamos tão desconectados da vida como ela é que passa a não fazer sentido, né? Que passa a não ter mais sentido para as pessoas que, muitas vezes, falam: “bom, mas eu só queria usar um banheiro”, né? “Nem precisava tanta teoria. Bastava ter um banheiro aqui na minha comunidade ou aqui no meio da rua, e estava resolvido”. Então assim, eu falo disso porque eu olho pra Lélia e eu enxergo isso, né? Como que ela teve essa capacidade de trazer essa práxis, de conectar. De tá na África num momento que, pra muitas de nós, era impossível. De tá nos Estados Unidos, mas, ao mesmo tempo tá sentada ali com um grupo de mulheres dizendo: “gente, olha, as mulheres tão morrendo no parto por violência obstétrica”. E quem é que morre por violência obstétrica? Uma palavra que, muitas vezes, as nossas mães... eu vou dizer, a minha mãe, nem saberia dizer, porque esse conceito não estava posto para ela. Mas se

você perguntar à minha mãe como que foram os partos que ela teve, ela vai te descrever o que que é violência obstétrica. Então, eu penso que a nossa tarefa é essa. E quando eu penso em Lélia, eu penso nisso, né? Como é que a gente produz emancipação cotidianamente, dialogando com as pessoas, a partir da vivência dos lugares onde elas estão.



Melina de Lima (Mediadora): É realmente... é genial demais a vó Lélia. Mas, inclusive, uma das coisas que também muito me admira nela é justamente esse caminhar por todas as áreas, e usar tudo como forma de militância, né? A estética dela, o falar dela, né? Ela tinha esse poder, né? Aonde ela chegava, todo mundo parava para olhar para ela. Ela podia tá no Palácio do Planalto, ela podia tá numa favela, ela estava com a mesma roupa, né? Inclusive, a gente consegue também reparar nas mudanças dos textos dela, né? Que, no início, eram muito mais acadêmicos, e depois ela foi realmente metendo a mão nas gírias e... porque ela queria ser compreendida por todos, né? Ela queria alcançar todos, né? Ela queria, realmente, que os estudos dela, e as teorias dela, e os escritos dela alcançassem quem realmente deveria alcançar. E uma outra coisa que também me encanta, né, em Lélia González é: ela dominou todas as áreas para ser ouvida, né?

Então, é muito importante essa questão, né? Essa questão da interseccionalidade, quando nem existia esse termo, né? Então, Lélia Gonzalez se especializou na psicanálise, na linguística, história, filosofia, né? Ela era poliglota autodidata, né? Então... justamente para ser ouvida. Vocês imaginam: uma mulher, nos anos 60, 70 e 80, uma mulher negra, para ser ouvida? Meu amor, você tinha que falar com muito embasamento. Você tinha que dominar o que você estava falando. E Lélia Gonzalez conseguia, porque também, realmente, era genial, né? Ela tinha esse dom, essa facilidade de aprender, de somar, né? Você via: ela começou lendo embaixo da mesa, né? “Deixa ela quietinha”. Minha bisavó, Urcinda, ela era analfabeta, mas ela já enxergava, né?

Falava: “não, deixa a Lélia. Deixa aí que ela tá no caminho dela”. Então, é sempre realmente muito emocionante a gente realmente pensar sobre isso. Eu passo a palavra, agora, para quilombola, mãe e mentora, né, do BB Black, que é genial esse grupo auto-organizado, aqui do Banco do Brasil. Muito legal. Eu passo agora a palavra pra Edileuza Seles.



Edileuza Seles: Boa noite a todas, todos, todas as pessoas.

Cumprimento aqui os familiares de Lélia - Rufino, Melina. Que prazer tá aqui novamente, né? Macaé Evaristo, Lúcia.

Quero dizer que, assim, quando eu recebi o convite para falar pelo BB Black, eu me desesperei. Como que eu vou falar de Lélia? E aí você começa... é tanta coisa para falar, você quer falar muito, muito, porque não tem como não ler Lélia, escutar sobre Lélia, olhar pra Lélia, e não se ver - enquanto quilombola, enquanto mulher negra da periferia.

Mas aí eu quero falar aqui, Macaé, do que você trouxe para a gente, de como transformar a partir dos espaços, de todos os espaços que ocupamos, que estamos.

No BB Black, a gente até brincava no começo que o microfone nunca chegava na nossa mão. E a gente tinha um desafio: pega o microfone, segura e fala. Como você diz, né, Melina... como que ela diz? “Agora, quem que vai falar?”.



Melina de Lima (Mediadora): “O lixo vai falar, e numa boa”.



Edileuza Seles: Exatamente. Então, a gente sempre teve essa questão. Aí assim, gente, para falar de Lélia, tenho tanta coisa para falar, mas falaram que eu tinha 20 minutos. Aí eu pedi 40. Mas a gente negociou 30, tá bom? Eu vou... eu fiz o seguinte, ó: tem muita coisa para falar, mas eu quero falar com Lélia. Fa-

lar só com Lélia. Mas eu deixo vocês escutarem. Será que eu deixo? Posso? 30 minutos? O que será que uma mulher negra, quilombola, baiana, professora de matemática, bancária, teria para falar de Lélia? Muito.

Mas eu escolhi alguns trechos das nossas conversas. “Carta para Lélia Gonzalez: um diálogo entre passado, presente e construção de futuros”:

Prezada Lélia, escrevo esta carta com a alma inquieta de sempre e o coração repleto de gratidão. Sua obra e seus ensinamentos são faróis que iluminam meu caminho e me impulsionam a continuar lutando por uma sociedade mais justa e equânime.

Nossas histórias se entrelaçam de forma profunda. Aos 11 anos... aos 11 aos 20 anos, assim como você, tive que enfrentar a imposição de um futuro predeterminado, dentro das casas de família, como dizia titia. Longe dos livros, da educação e dos sonhos.

Mas, assim como você, resisti, e com o apoio da minha família, consegui seguir estudando. Para uma mulher negra, quilombola, periférica, a educação sempre foi a única esperança de quebra das barreiras impostas pelo racismo, pelo classismo, pelo machismo. Recordo-me sempre do quilombo de onde nascera, pois a experiência de sair de lá para a cidade foi um choque cultural. A resistência, beleza e a luta de minha avó me ensinaram que o povo negro... que a minha avó me ensinara sobre o povo negro foram questionadas pela visão eurocêntrica e racista da sociedade. Neste momento, a interseccionalidade entre raça e classe passa a fazer parte da minha vida cotidiana.

Quando cheguei no mundo do trabalho, me deparei com a afirmação de que mulher não lidera. Mulher não lidera? Como quilombola, onde a minha avó, uma líder - e como são nos nossos espaços de quilombo -, a gente não aceita isso, né?

Você chega na sociedade, mas você foi... teve todo esse... que a gente chama de letramento, todo esse empoderamento da menina, do menino, esse contar da nossa história, essa versão,

a versão nossa, do povo negro, isso veio desde a infância.

Então, isso se faz quando chego na cidade, na escola, que sofro os primeiros casos de racismo, faz com que você questione o colega: “não, eu sou bonita. Minha avó sempre disse que eu sou. Vovó sempre disse que nós, todos os netos, nós éramos bonitos, nós somos bonitos”, né? E aí você não permite... quando tem esse olhar nosso da história, essa memória, a gente não permite que os lugares, as situações, nos empurrem para algumas caixinhas que já tão predeterminadas para nós.

E aqui no Banco do Brasil, quem que lidera? Quem que é a nossa presidenta? Tarciana Medeiros. Então, não dá, né? Não dá para acreditar, né, nisso? Ninguém jamais aqui vai acreditar ou vai repetir que mulher não lidera, tá, gente?

E neste momento... quando chego no mercado de trabalho, nesse momento que conheço o machismo. Então, agora já são três atravessamentos, né? Porém, o sistema não contava, mais uma vez, que, sendo uma mulher quilombola, sempre escutei desde a infância que sou descendente de Dandara, de Zumbi, sabia que a resistência corria nas minhas veias, e isso me fez continuar com muita alegria e mais energia ainda.

Alegria, sim, como disse recentemente a ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania, Macaé Evaristo, em seu discurso de posse. Ela disse: “hoje é dia de Cosme e Damião. Que essa alegria nos invada.

Então, sou funcionária do Banco do Brasil há 17 anos. Eu fiz questão de pôr o meu crachá, não porque eu estou no horário de trabalho, mas porque tem um significado, né? Que é o tirante do BB Black Power. E pela história, né? Pela história, o significado do banco, que é uma instituição que eu trabalho há 17 anos, e que desde os 9 anos que eu sonho em estar aqui e viver momentos como esse, né?

O BB Black Power é um grupo que eu conheci em 2018, mas ele foi fundado em 2017, gente. E é nesse momento também, em 2018, os primeiros momentos que a gente passa a ler Lélia, né? Que é através do nosso clube de leitura, dos nossos es-

tudos. Tá vendo, Kelly? Olha. Lá, a gente chama de quilombo. O BB Black Power é o nosso quilombo.

Então, a gente tá dentro da indústria financeira, dentro de uma instituição financeira, e transformando o espaço, né, e acolhendo os nossos colegas. Aquilombamos para não ficar sozinhos nos espaços, e planejar a ascensão de outros e outras para ocupar espaços, como a Ana Bianca vem fazendo - que o Kleyttton falou aqui muito bem -, apoiado pelo Kleyttton, por toda a equipe da Fundação, que foi a seleção com recorte, né, pra mulheres negras, indígenas, mulheres trans. E tá trazendo 11 colegas negras - dentre elas, algumas fazem parte já do nosso coletivo - para a Fundação. E a gente fala sempre da intencionalidade das ações. Parabéns, Bianca.

Aquilombar é sentimento de pertencimento. Não importa o ponto de partida, os desvios no percurso, mas onde se pretende chegar. “E nós queremos chegar”, como você nos disse, Lélia Gonzalez.

O projeto é um exemplo inspirador de como podemos preservar o legado de nossos ancestrais, pensar e construir futuros possíveis para as próximas gerações de negros e negras. A luta antirracista e antissexista é um processo contínuo. E cada um de nós, como já foi dito aqui, temos um papel fundamental a desempenhar.

É isso que a Macaé traz: esse olhar para as pontas. Mas mais que isso, não é só olhar. É estar lá. É fazer. É tudo que formos fazer - políticas públicas, ações, programas, projetos -, a gente sempre pensar, né, como que isso aqui vai chegar lá na ponta para a menina negra, para o menino negro, para quem está lá no quilombo, quem está na periferia, quem está, né, em todos os espaços.

A gente ter essa intencionalidade nas nossas ações. E o que será que Lélia, com toda a ousadia, alegria, falaria para a gente hoje?

E aí eu quero... vou falar pra Lélia. Aí vocês escutem aí o que que Lélia tá falando e falem com ela também. Eu tenho uma

coisa para falar com ela. Eu proponho aqui criarmos um pacto pela igualdade racial. E me pergunto: o que não poderá faltar em nosso pacto, Lélia, pela igualdade racial? Lélia Gonzalez: “acredito que não poderá faltar a união de todos que compõem nossa sociedade: o Estado, governos, a academia e a iniciativa privada.

Porque esse pensar soluções coletivamente, para o coletivo, fará com que entreguemos oportunidades - oportunidades - para o povo negro”. Em que que vocês acham que a gente precisa de mais oportunidade?

Aí vocês falam com Lélia. Lélia: “principalmente na área de educação e inclusão; trabalho, emprego e renda; acesso à terra e moradia; saúde; segurança. Enfim. Que possamos viver com dignidade”.

Lélia Gonzalez, sua obra está viva. Ela me inspira e nos inspira a lutar por um mundo em que nosso povo tenha liberdade, dignidade e felicidade, como Kleyttton bem trouxe pra gente.



Melina de Lima (Mediadora): Uau, Edileuza. Muito obrigada. Foi bem emocionante. Uma coisa que você falou, que me chamou muito a atenção - inclusive que a Macaé também falou, né, que a ministra Macaé falou, que o presidente Kleyttton também falou.

Sobre a importância da família, né, na nossa construção, né? No nosso fortalecimento, no nosso reconhecimento, né? Então, é muito importante a gente se reconhecer e ter essa família apoiando e entendendo quem, de fato, a gente é. Inclusive, a gente, que é de família negra, né, a gente... inclusive nós, da família de Lélia Gonzalez, que fundamos o Instituto Memorial Lélia Gonzalez, onde temos o Rubens Rufino, filho dela, como diretor-executivo, os netos e a sobrinha como vice-diretora, como diretores, enfim. É muito importante a gente, de fato, tocar esse legado, né? A gente, da família de Lélia Gonzalez, a gente sempre tá, a gente aceita e topa tudo o que querem fazer dela. A gente só quer participar, né? A família de Lélia exis-

te. Lélia tem família, não há ninguém melhor do que a família para manter esse legado, respeitando, né? E é por isso que a gente faz questão de sempre tá presente, porque a gente quer espalhar esse legado, e a gente precisa da ajuda de todo mundo, mas a gente, de fato, precisa também participar.

Então, agradecer também à Fundação Banco do Brasil, que sempre, né, contou com a gente, inclusive me colocando no primeiro “Projeto Memória”, né, como pesquisadora, né? Eu, ainda na faculdade, enfim. É muito importante esses espaços de reconhecimento, né? De que as famílias negras existem, resistem, e estão aí, né, pra apoiar e difundir esses grandes legados, né? Não só da família de Lélia, mas de várias famílias – inclusive, aqui a bisnetinha de Lélia, que maravilhosa.

Olá. Eu vou passar a palavra, agora, para a grande Lúcia Xavier, que é cofundadora do Criola, né? Ativista dos direitos humanos. Agora a palavra é com você, Lúcia.



Lúcia Xavier: Eu gostaria de, aqui, primeiro agradecer todo o convite, eu também participei do outro projeto, também com os debates, com... nós distribuimos lá em Criola todo o material, fizemos várias atividades com a publicação de Lélia, então eu me senti quase que na responsabilidade de cumprir também essa agenda. Recentemente, lançamos um livro; sobre... Thula Pires, sobre uma parte do trabalho que Lélia fez no mundo, a partir da conexão com universidades, com intelectuais e militantes. Mas aqui a minha tarefa é um pouquinho diferente, né? A minha tarefa não é falar da minha experiência com Lélia, mas é falar daquilo que ela nos legou, muito pautada no que a gente ouviu nesse vídeo, que eu quase falei: “aí, já nem preciso falar mais, já tá tudo ali descrito”, mas talvez seja importante reforçar.

Primeiro, eu queria lembrar que reconstrução de memória - de memória negra, como memória brasileira - é, de certa forma, uma ação transgressora, né?

E não creio que é o Banco do Brasil que transgrediu, mas é

porque memória negra é parte da transgressão de quem dobra o status quo. De quem dobra a ideia de que nós não temos legado, formação, ação política, pensamento.

Então, trazer a memória de Lélia é trazer a memória da luta contra o racismo no Brasil, mas também dizer o quanto essa luta leva tantos anos pra fazer coisas muito pequenas. Porque essa luta tá falando de milhares de sujeitos que não têm direitos numa sociedade como a nossa, e que, de vez em quando, pinça alguns dos nossos pensamentos e os apresentam muito higienizado acerca daquela dimensão política necessária.

Memória precisa ser, antes de tudo, a presença do conflito que existe numa sociedade como a nossa, de que nós não estamos incorporados às dinâmicas dos direitos e do país.

Nós não nos representamos, nós não fazemos política - ao contrário daquilo que Lélia disse que era necessário fazer, né?

Nós renunciamos da violência como arma, como forma, como força política, e fizemos ao contrário. Trabalhamos cotidianamente para ter cada direito que parece que é nosso, mas que ainda não vivemos. Memória precisa ser esse conflito.

A Lélia não passou isso só pela sua genialidade, mas porque aturou práticas racistas contínuas - práticas de violência, de expurgo, de retirada do contexto político - para fazer aquele papel de orientar, ajudar e apoiar toda essa ação política que eu vou contar pra vocês aqui hoje.

É importante lembrar que memória é conflito pra poder dizer que essa memória não pode terminar no sétimo encontro. Ela vai precisar ser reeditada, reapresentada, readmitida como memória pública brasileira, senão ela vai virar algo que vai ficar guardado em algum lugar, e depois, se a família quiser, lance.

Por isso, eu posso me dizer contemporânea da Lélia, porque ela estava nos mesmos movimentos que eu. Fizemos parte de vários processos políticos. Inclusive, contribuimos para a mudança do modo de fazer política no Brasil. Essa intelectualidade orgânica que a gente vê espelhada nela é também essas

intelectualidades presentes hoje, aqui, mas também no nosso passado, como Luiza Bairros, como Beatriz Nascimento, como a própria Sueli, né, e outras, né?

Estou vendo aqui a nossa querida Beatriz bem sentadinha ali, escondidinha, que já vai lá mais dos seus 80 anos de luta política, e que é invisível a um processo de ação política, porque lutam contra as formas de opressão e violência.

Os estudos da Lélia e a sua militância são um marco da destruição do mito da democracia racial no Brasil, porque apesar de ela pautar a dimensão do racismo como denegação, a primeira inflexão que ela faz é que este mito constrói a dimensão da denegação em cada uma de nós e transforma a nossa sociedade em algo que não permite que o lixo fale.

E esse lixo, que ela sempre chamava, não é necessariamente uma dimensão daqueles que são esquecidos, mas daqueles que são descartados como lixo numa sociedade como a nossa.

Por isso, a dimensão da sua fala política é reveladora de uma expressão das mais fortes na nossa sociedade, que é derrubar, na década de 70 e 80, o mito da democracia racial.

Depois de Lélia, e de seus companheiros e companheiras de reflexão política, de teorização, de militância, o mito da democracia racial passa a não existir como uma experiência positiva na sociedade brasileira, mas como algo que escondia as relações raciais conflitantes, violentas, desiguais, e que perseguem até hoje a população negra de modo geral, mas hoje com muito mais nitidez e definição sobre do que significa essa possibilidade da denegação como um processo de violência, de discriminação e desigualdade.

Se nós, mulheres negras, somos 62 milhões de pessoas nesse país, né, a maior parte do contingente populacional, e 13 milhões de nós não comem absolutamente nada no dia, deveria ser uma comoção nacional fazer algo para que essa fome fosse extinguida.

Nesse sentido, o que ela diz é que sim, vivemos o racismo da denegação, mas ele não é suficiente para explicar tanta desigualdade. Não é suficiente para romper com essas desigualdades e fazer valer os nossos direitos como sujeitos políticos.

Por isso ela reivindica essa dimensão de sujeito político; por isso ela trabalha as organizações; por isso ela trabalha nas, em organização; por isso ela trabalha nas, em marcha; por isso ela também trabalha as dimensões da sua experiência em partidos políticos.

A marcha que sua candidatura faz no Rio de Janeiro pelo Partido dos Trabalhadores, levavam rosas vermelhas, mas queria dizer que essas rosas vermelhas significavam vida para essa população - não a rosa que a gente coloca no caixão, né? Porque, como vocês sabem, ninguém bota rosa vermelha em caixão. Então, quer dizer que aquela rosa tinha um significado político mais amplo.

Quando ela muda de partido, ela não muda só por causa da dificuldade em compreensão

das ideologias partidárias. É porque o Partido Democrata Trabalhista, trazia uma nova bandeira. O famoso PDT. Leonel Brizola se compromete com a população negra, que daria espaço à população negra para ação política.

Mas seria, então, Lélia, uma pessoa racista, porque pensou na população negra 24 horas por dia?

Essa insurgência de novos paradigmas políticos que ela trouxe pra nós, que alçou a condição de sujeito político, hoje também nos obriga a dizer que o que Lélia queria dizer era “reparação”. Ela não disse: “dividamos o pão”. Ela disse: “reparem a violência que ocorre com essa população. Reconstituam a democracia, a sociedade brasileira, pra que ela possa dar conta desse processo”. E mesmo que essa expressão, “reparação”, não estivesse em nenhum dos seus textos, em nenhuma das suas reflexões, esse conjunto de conceitos expressa essa dinâmica de reparação, porque ela não só revela as nossas dificuldades, mas revela a nossa potencialidade diante das mudanças.

E por isso que convido a todos vocês para engrossar, em novembro de 25, a “Segunda Marcha de Mulheres Negras no Brasil”.

Essa marcha é, para nós, o reforço do que a ancestralidade nossa - como vocês bem imaginam do que significa para nós - vem construindo ao longo da nossa experiência de vida.

Essa segunda marcha é, outra vez, um marco político de diálogo com a sociedade brasileira, na ideia de que precisamos reparar, precisamos enfrentar essa violência, mas, mais do que isso: precisamos abrir mão desse padrão de civilidade, cuja morte da população negra é o cotidiano, para a construção do bem-viver. Então, em novembro de 25 estaremos na rua, em marcha, exatamente reafirmando que temos um novo padrão de civilidade, que ele é constituído pela nossa ancestralidade, e que ele é um padrão inclusivo. Ele é um padrão que não vai nos dar cota para brancos numa nova sociedade.

Que ele é aquilo que tem sido expresso no nosso cotidiano de vida, que é a ação coletiva consciente da necessidade de respeito à natureza, respeito à humanidade e, mais que isso, construção de outros processos políticos que nos permitam viver dignamente, em paz e com abundância. Obrigada.

Melina de Lima (Mediadora): Maravilhosa. Muito obrigada, Lúcia. Em relação ao que você falou brilhantemente, vó Lélia se candidatou duas vezes, né? Em 82 e 86, pelo PT e pelo PDT, e ela não foi eleita, mas ela ficou como suplente, né?

Porque, justamente, ela era vista como uma utópica, como uma louca, né, por falar o que a gente baba hoje em dia, né? E ela sempre falou assim, e ela nunca mudou o tom dela. Nunca tentou se adequar a nada pra, enfim, no caso, para ser eleita, né?

Então, é uma coisa muito importante. E em relação, por exemplo... quando ela faleceu, ela estava escrevendo o doutorado dela, e o tema dela era: “a homossexualidade...”, a homossexualidade, tá? Em 1990 e pouco, “...nos terreiros”, né? Então, é uma coisa realmente à frente do tempo. Eu, como mulher negra e lésbica, né, então eu tenho... eu sempre tive esse... eu nunca tentei me dobrar, porque eu sabia que a vó Lélia ia tá

me apoiando onde ela estivesse, né? Então, eu sempre entendo a importância, né, da gente se posicionar, né, em relação a quem a gente é, e se posicionar não necessariamente sendo, que também é uma coisa muito importante.

Vó Lélia não era a lésbica, mas lutava por essa luta, né? Então, é muito importante que a gente lute, assim como a luta antirracista não é uma luta só dos negros, como já foi falado várias vezes aqui, né? É muito importante a gente ter, né, esse entendimento de que a luta é nossa, né? E vamos lá, em relação à “Marcha das Mulheres Negras”.

Não sei se todos sabem, mas um dos grandes lemas do movimento negro é: “se poder é bom, negro também quer poder”, né? Então, a gente vai marchar ocupando, né, pra... somos o maior grupo demográfico desse país e a gente tem que fazer barulho, a gente tem que ocupar esses lugares e esses espaços que são nossos.



Melina de Lima (Mediadora): A gente tem mais de 5.570 municípios no país, 258. Então, você vê a dificuldade. O SINAPIR nada mais é do que o compromisso em relação às pautas de promoção de igualdade racial, né? É muito difícil a gente chegar. Para você ter o SINAPIR, você precisa ter um conselho de promoção de igualdade racial e um órgão de igualdade racial.

Então, essa dificuldade de institucionalização das políticas de promoção de igualdade racial também gera isso.

E o que que a gente vê? Nós somos o maior grupo demográfico, mas ao mesmo tempo os mais votados são os homens brancos, né?

Então, a gente entende um pouquinho da dificuldade, né, de acesso das nossas políticas, das nossas pautas, infelizmente.

Muito obrigada, de verdade, pela presença.

2º DIA – 30. OUTUBRO. 2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” Brasília, DF

Convidada

Amanda Motta Castro



Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Possui pós-doc em Estudos Feministas pela Universidad Autónoma de México. É doutora e mestra em Educação. Líder do grupo de pesquisa em estudos feministas Lélia Gonzalez/CNPq.

Mediadora

Maíra de Deus Brito



Jornalista, professora e pesquisadora. Doutora (2023) e mestra (2017) em Direitos humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (UnB). Diretora do Eixo de Comunicação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez.

Convidada

Márcia Lima



Socióloga, professora do Departamento de Sociologia (USP) e Secretária de Políticas de Ações Afirmativas, Combate e Superação do Racismo no Ministério da Igualdade Racial.

Convidada

Aline Carvalho



Gerente da área de TI e escritora. É funcionária do Banco do Brasil e integrante do grupo auto-organizado BB Black Power.

PAINEL II

O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

FALAS DE ABERTURA



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): É com grande alegria que damos início à segunda noite do seminário do “Projeto Memória Lélia Gonzalez: caminhos e reflexões antirracistas e antissexistas”. Este é um momento muito especial, onde celebramos e homenageamos a história, a luta e o legado de Lélia Gonzalez, cuja contribuição foi e continua sendo inestimável para a sociedade. Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão pela presença de cada um de vocês. Para começar nossa jornada de hoje, iremos exibir o vídeo institucional que apresenta o “Projeto Memória Lélia Gonzalez”, e, na sequência, teremos o prazer de assistir ao vídeo documentário que aborda a trajetória e a atuação de Lélia Gonzalez.

Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia Gonzalez, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes.

A iniciativa, que começou em Salvador, em maio, já passou por Belo Horizonte, São Luís, e estreia em Brasília, seguido por mais três capitais brasileiras, com exposição e seminários que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até agosto de 2025.

Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do



Brasil. A Fundação Banco do Brasil é instituída em 1985, pelo Banco do Brasil. Que tem em sua nova estratégia o propósito de promover os caminhos para a transformação social e a realização sustentável com a natureza. É a realização do projeto em homenagem à Lélia Gonzalez, remete aos princípios do respeito cultural e ao valor da diversidade.

Convidamos nesse momento, para uma breve fala, o filho da nossa homenageada Lélia Gonzalez, o senhor Rubens Rufino.

Rubens Rufino: Boa noite.

Bom, gente, em primeiro lugar é um prazer estar aqui, na minha cidade. Como eu disse ontem: dia 27 completou 27 anos que eu estou em Brasília, que acolheu a mim e a minha família de forma calorosa.

Tenho uma dívida de gratidão com Brasília muito grande. Gosto de ficar aqui, adotei a cidade como minha - apesar de amar meu Rio de Janeiro. Mas agora o que eu falo: eu sou um “cariocandango”, né? Que é para reconhecerem que eu sou brasileiro também.

Bem, falar de Lélia Gonzalez, eu vou falar de Lélia de Almeida, que é minha mãe. Lélia Gonzalez eu deixo para o pessoal que, daqui a pouco, vai tá aqui nas cadeiras conversando, que estudaram profundamente as teorias dela, os estudos dela.

Eu não tenho... como eu digo, eu não tenho cabedal para falar de Lélia Gonzalez. Vou falar de Lélia de Almeida, que foi uma pessoa, assim, que me deixa com muito orgulho por tudo que ela produziu, por tudo que ela fez.

E o meu maior orgulho é que ela abriu mão da sua vida pessoal em favor de lutar pelo povo dela, o povo negro. Isso é a coisa que eu mais admiro, mais me orgulho. Mas ela foi uma coisa muito interessante, que eu até comento algumas vezes, que foi... são dois lados, né? Uma intelectual e mãe. Mãezona. Ela me chamava de “filhote”. E teve até uma ocasião em que eu ia encontrar com ela lá na PUC, e aí ela comentou com os alu-

nos: “meu filhote vem aqui”, e tal, não sei o quê. Todo mundo pensou que fosse chegar um adolescente, um menino. Aí chega um negão grandão, já pai de dois filhos, entendeu? “Lélia, é esse que é seu filhote?”.

Enfim, ela era assim. Mas uma coisa muito legal é que ela me preparou para a vida, me preparou pra ser um homem negro, assumir minha negritude, né?

E teve, até em alguns momentos, que nós vimos o que era a nossa negritude juntos, principalmente no Quilombo dos Palmares, a escola de samba fundada por Candeia.

E ela me tentou a trilhar o mesmo caminho que o dela. Por exemplo, como vocês viram, com cinco anos ela aprendeu a ler, lá em BH, sentada embaixo de uma mesa, e aí... sabe? Saiu voando.

Quando eu aprendi a ler, eu devia ter uns seis anos, e eu lembro que ela comentava que eu aprendi a ler quando eu saía com ela no cinema, alguma coisa. Para dizer que eu sabia ler, eu lia tudo os cartazes em voz alta.

Então, ela achava isso um barato. Mas ao mesmo tempo, o que que ela me fez para preparar? Me encheu de livros. História de Gulliver, Cavalo de Troia, Tintim - que é “tan-tan” em francês, né?

Eu me lembro que... até falo isso no documentário. Assim, saí de casa? Tinha que botar a carteira de estudante. Porque se você... se acontecer alguma coisa, era o termo que ela usava, “você é o primeiro a rodar”. E, independente disso, falou assim: “eu não tenho grana, eu sou fodido. Se acontecer alguma coisa com você na rua, como é que você vai se virar?”. Além de preto, duro, entendeu? Então, isso é muito legal.

E essa preparação que ela me deu foi muito importante, porque, em função disso, as pessoas com quem eu convivia no meu dia a dia - os colegas de colégio, alguns que frequentavam minha casa, os vizinhos - aprenderam.

Ela era a mãezona de todo mundo. Quer dizer, primeiro ninguém chamava ela de tia, só chamava de Lélia. Ela não gostava muito desse termo “tia”. E ela era uma mãe de vanguarda. Todo

mundo se amarrava. Porque em função de uma sociedade eurocêntrica, né, formação eurocêntrica, ela era fora de curva.

Até um dia eu vi um comentário muito legal do rapaz do IMELG, que é o Instituto Memorial Lélia Gonzalez: “não era fora de curva, não. Lélia já estava na outra rua”, entendeu? Muito interessante. Então assim, e isso é uma coisa, assim, um orgulho que eu tenho.

E eu, que eu tentei... quer dizer, eu acho que eu consegui fazer isso, eu e Joyce, a gente conseguiu passar isso também pra Melina e para o Marcelo, nossos filhos - que agora tem Dori-nha, né, também para ver isso.

Porque, gente, é muito duro. Eu, até dentro da minha vida profissional, eu tive condições em função da formação que eu tive, me graduar - quer dizer, também diferente do que houve na família Almeida.

Ela queria saber se eu cheguei da mesma forma que eu saí. Se eu estava inteiro, se eu sofri alguma coisa. E tenho certeza de que isso é um processo que passa na casa de toda família preta. Isso é complicado para a cacete a gente absorver isso, né? E aí você vê o quão mãe ela era. Em outras situações, quando ela chegava em casa e eu já estava dormindo, ela ia me dar boa noite. Então, ela tinha essa ternura comigo. E extremamente energética. Eu não podia mijar fora do penico.

Ela nunca me bateu, mas os castigos que eu tinha - que ela cortava as coisas -, eu preferia levar uma coça, entendeu? “Mãe, me dá uma coça. Não faz isso comigo, não”. Era coisa por aí.

Isso, na verdade... eu creio que várias mães pretas fazem isso, e brancas também, mas assim, para preparar você para as porradinhas da vida. Porque a realidade dentro de casa é uma. A realidade entra na rua, quando você encara o mundo sem a venda da família, com seus próprios olhos que você começa a enxergar.

E além de ser uma mãezona, era uma avozona. Eu me lembro de uma situação conversando com Melina e com o Marcelo, que eles lembraram que eu fui levá-los na casa dela, ela já mo-

rando em Santa Teresa. Logo depois que eu me casei, ela se mudou do Cosme Velho pra Santa Teresa. E aí ela... chegamos lá, eu e o Marcelo, e tal, Joyce não estava, todo contente e tal. Não sei, acho que foi o Marcelo, aquele bocudo. Marcelo falou assim: “vó, tem biscoito? Eu estou com fome”. Cara, eu levei um esporro. “Como é que você deixa meus netos ficarem com fome? Vai arrumar o que fazer. Vai arrumar alguma coisa para eles comerem”.

Melina e Marcelo chegavam lá, ela entupia eles de coisa para escrever. Ela adorava ouvir história dos netos: “o que que você faz?”, “o que você fez no colégio?”.

Então assim, era de uma ternura absurda, mas de uma rigidez muito grande, porque é a preparação da gente para a vida. Porque a nossa vida, infelizmente, é mais complicada, é mais dura, é mais dolorida, entendeu?

Hoje eu consigo enxergar quem foi Lélia Gonzalez. Eu sempre tive a Lélia mãe, essa mãezona, meu grande amor. Hoje eu vejo que Lélia Gonzalez, a contribuição dela para a história desse país, para a cultura desse país, pra população negra, e pra população que também tá lutando contra o racismo, que tem muita... branquitude também luta.

Tem que lutar, e muitos lutam contra o racismo. Aí eu fico orgulhoso por isso, entendeu? Então assim, quando tem esse “Projeto Memória”, que foi revitalizado aí pela Fundação Banco do Brasil, foi interessante que eu e Melina viemos aqui para conversar com o Kleyttton, o presidente da Fundação Banco do Brasil.

Como aqui também, agora, em Brasília, que é minha cidade, reencontrar pessoas, conhecer pessoas que eu não conhecia pessoalmente, e ver, assim, os depoimentos lindos das pessoas. Então assim, eu tenho obrigação de agradecer a Fundação Banco do Brasil, a AACIC, e eu vou citar nomes, que foram pessoas que eu vejo que têm um puta de um engajamento, uma dedicação, comprometimento, e o que é mais comovente: muitas dessas pessoas, a maioria, não conheceu Lélia Gonzalez, mas entendeu a obra dela, entendeu o trabalho

dela, entendeu o esforço dela pra que nós tenhamos um país justo e igualitário. Então, vou citar aqui da AACIC, Carlinha, meu amor, muito obrigado por tudo que você fez. Gabriela também. Dulci, o Cléo, que é o chefão, bota para quebrar, e o Nilson que não tá aqui hoje, eu acho. E da Fundação, eu tenho o Kleyttton, eu tenho Ana Maria... pode ser que eu esqueça alguns, porque a minha memória já tá ficando um pouco falha.

E muito, assim, Rosângela. Rosângela... eu tive a oportunidade de tá com Rosângela em todos os eventos e, assim, a dedicação dela, o empenho dela é um negócio comovente. Gente, valeu. Obrigado por vocês estarem aqui compartilhando desse momento tão importante para a gente, da família, mas também para muitas pessoas que conheceram Lélia.



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): Convidamos para a sua fala o presidente da Fundação Banco do Brasil, senhor Kleyttton Moraes.



FALAS INSTITUCIONAIS

Kleyttton Moraes: Boa noite a todos e a todas. Fala do Rubens sempre é muito inspiradora, e é o nosso griot, né? Que nos dá essa tranquilidade, sempre. Mas ontem tivemos uma noite também semelhante a essa, de muita potência, que a gente pôde ouvir falas muito potentes também sobre... inspiradas por esse legado dessa mulher, que transborda e transpassa o Brasil. Mas que o Brasil, por outro lado, precisa cada vez mais compreendê-la, assimilá-la, né, e celebrá-la, que é Lélia Gonzalez.

Então, estar nesse lugar, né, a Fundação Banco do Brasil, com a convergência da família, né, é importante isso. Essa construção, né, Melina? É uma responsabilidade extremamente delicada e séria, e que a Fundação Banco do Brasil abraça, né, nessa perspectiva, dialogando com o Ministério da Igualdade Racial, dialogando com o Governo Federal, dialogando com as

prefeituras, né, com os governos estaduais a partir das secretarias de Educação e Cultura, pra tá promovendo, né, esse encontro de Lélia Gonzalez com os professores, com as professoras, né, com os educandos, pra justamente a gente interferir e discutir sobre essa riqueza, essas profusões e esses desafios que Lélia traz pra gente, pra que a gente possa tá, a partir do pensamento e dessas ações também, superando a prática do racismo e do sexismo. Então, se a gente parte desse lugar...

Infelizmente, né, aqui no Distrito Federal é uma das capitais, uma das regiões do país em que, por exemplo, o feminicídio tem uma incidência muito recorrente, né?

Então, a violência de gênero, o sexismo, é uma discussão que precisa ser superada com radicalidade, com veemência, com força, né, na sociedade brasileira.

E ontem a ministra Macaé também tratava disso, inspirado pelas contribuições de Lélia Gonzalez, quando falava sobre a violência obstétrica, né, que... sobretudo sobre os corpos das mulheres pretas e/ou pardas, né, ainda são muito recorrentes.

E na memória da luta também de Lélia quando, no processo de controle de natalidade, se impunha métodos de laqueadura para as mulheres pretas e/ou pardas também. Então, eu acho que Lélia Gonzalez é muito atual – infelizmente.

Para a gente tá superando, pra gente tá guiando e superando esses processos que tão aqui colocados.

Falar também desse aspecto relativo ao racismo, que é o racismo estrutural e que nos impacta em todos os lugares, é fundamental a gente construir também elementos de proteção, e de defesa, e de superação. Então, o racismo hoje é visto dentro dessa perspectiva que o Rubens traz aqui para a gente.

Mas também, dentro dessa perspectiva dos marcadores sociais que hoje a gente traz, né, e a gente trata com muita normalidade - que são as pessoas em situação de rua, as pessoas em insegurança alimentar -, quais são os rostos, né?

Eu queria saudar aqui também aos amigos e às amigas, com-

panheiros e companheiras, catadores e catadoras, aqui na pessoa da Aline, mas referenciando a todos e todas que estão aqui. Ainda hoje, nós estávamos lá no complexo, né, da Centcoop, que é a central de cooperativas de reciclagem aqui do Distrito Federal, assinando um acordo de cooperação. Assinando um convênio pra tá justamente, sob esse signo da política pública, fortalecendo os empreendimentos de catadores e catadoras. Discutindo a inclusão socioprodutiva em desenhos extremamente complexos, mas que eles têm competência para fazer, né? Que é a implementação da logística; que é cuidar do meio ambiente, mas tendo a reparação, né? Tendo o direito à prestação pelos serviços ambientais, pela educação ambiental que faz. Então, acho que são esses marcadores.

São esses desafios de fazer a partir do protagonismo dos catadores e das catadoras, então a partir do protagonismo das populações que, antes excluídas e alijadas do orçamento público, agora requerem vez.

E têm voz pra, com seus acúmulos e com seus debates, sobretudo a partir das suas entidades representativas... porque a força do coletivo, sem sombra de dúvidas... já quiseram dizer lá no passado: “é démodé”, “é arcaica”, é isso, mas pra quem vivenciou de forma bastante determinada o processo de luta recente no Brasil, viu o quanto que as instituições, o quanto que o pensar coletivo é fundamental pra que a gente possa resistir às ameaças e avançar também nos terrenos, quando a gente conquista e retoma a democracia.

Então, acho que é sobre isso que é a noite de hoje, que nos inspira e que nos alegra. E queria terminar também, dizendo que o legado de Lélia nos educa sobre esses temas que são duros, mas nos enche de esperança também para celebrar acho que a própria vida, Lélia teve um irmão que jogou naquele time que quase ninguém torce aqui, né? Então, jogou no Flamengo. Então, tem processos de vivência que são muito naturais e autênticos, vamos dizer assim, construídos sociologicamente, né, pelo nosso povo brasileiro.

Acho que o elemento da celebração, o elemento da altivez, o elemento da felicidade é um elemento, sobretudo, subversivo - como foi a fala de ontem aqui para que a gente possa irromper com as questões que tão colocadas, e construir, a partir dessas contribuições, uma outra nação, um outro país, com a contribuição da diversidade.

Então, parabéns, Lélia. Parabéns a todos e a todas que sonham com essa história e que continuaram a construir um país inclusivo, livre, do racismo e do sexismo.



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): Bom, eu como cerimonialista, tenho a liberdade também de me expressar, ontem eu me emocionei muito aqui nessa mesa. E hoje essa surpresa, né, dos catadores. Meu pai também fez parte desse movimento na Estrutural, José Wenceslau, e fez parte da minha criação. Então, eu sou quem eu sou pelo meu pai e pela minha mãe. Então, eu agradeço a vocês por estarem presentes, ocupando o espaço de vocês.

Além dos seminários, o “Projeto Memória” apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registram a vida e a obra da escritora. A mostra ficará aberta à visitação ao público até 8 de dezembro, no foyer da Galeria de Arte do Banco do Brasil, no primeiro andar desse Centro Cultural. Confirmam a programação. A exposição também receberá a visitação de alunos ao longo do período, com a disponibilização de transporte gratuito, para conhecer a trajetória da intelectual.

A partir de suas análises sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira. A temática do Painel 2 é intitulada: “O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação”. Gostaríamos de convidar a esse palco, nessa noite, a jornalista, professora e pesquisadora, doutora e mestra em Direitos Humanos e Cidadania, pela Universidade de Brasília, diretora do eixo de comunicação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, nossa mediadora da noite, Maíra de Deus Brito.



FALAS DO SEMINÁRIO

Maíra de Deus Brito (Mediadora): Boa noite a todas as pessoas presentes. Estou muito feliz de tá aqui hoje. Como foi dito, além de jornalista, eu sou professora, pesquisadora, então esse debate muito me interessa.

Eu também sou diretora do eixo de comunicação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, que a gente tá aprontando aí várias coisas em breve. A gente não pode contar, mas tem muito mais coisa bacana relacionada à Lélia Gonzalez para jogar para o mundo, e a gente tá muito feliz com isso.

Vamos conversar um pouquinho sobre educação, pensamento decolonial - ou pensamento não hegemônico, o que vocês quiserem, tá?

Seja bem-vinda.



Amanda Motta Castro: Obrigada. Boa noite a todas as pessoas que estão aqui. Para mim, é uma honra tá aqui. Uma honra poder conhecer pessoalmente o filho de Lélia Gonzalez, e ver que nós, as mães, ao fim, ao cabo, somos todas iguais. Só muda de endereço. Mas ele estava falando... Rubens, eu estou bem mais tranquila, porque meu filho tirou 6,9 no trimestre em inglês, ele só tá restrito em telas.

Bom, mas então muito obrigada pelo convite, por tá aqui, por tá com essas colegas, falando dessa grande mulher que é Lélia Gonzalez.

Dizer para vocês que, assim como falou a Bárbara, professora da Federal da Bahia, eu fiz duas graduações, fiz especialização, fiz mestrado, doutorado sem nunca ter lido um texto de Lélia Gonzalez. Nunca foi me exigido isso, né? O máximo que a gente teve foi Milton Santos, assim, né? Mas tampouco muito aprofundado.

Já em contrapartida, no doutorado, eu tive seis - seis - leituras dirigidas de Boaventura de Sousa Santos. Seis. Não aguentava

mais, tipo: “gente, tem que ir de novo?”. Tudo bem, fiz as seis, né? Porque é isso, a gente tá lá, temos que fazer.

E isso eu digo que é quase um crime, né? O apagamento histórico que é feito das mulheres que fizeram esse país – e, especialmente aqui, as mulheres negras.

Em 2010, eu comprei um livro, Dicionário de Mulheres do Brasil: de 500 anos até a atualidade”. Eu comprei esse livro porque, como uma feminista, eu queria ver o que que tinha ali, principalmente porque tinha na capa uma mulher indígena, uma mulher negra.

Então, quando o livro chega, eu ali vi esse nome, Lélia Gonzalez, me chamou muito a atenção, e eu começo, então, a procurar por essa mulher.

E a gente lia Lélia Gonzalez com muita precariedade. Por quê? Porque os textos eram em PDF, eram em xerox, e aí a gente baixava aquele negócio, faltava parte. E aí, tipo, uma letra desse tamanho. Então, era muito difícil se ter acesso à obra de Lélia Gonzalez como nós temos hoje, né?

Mas para quem tá iniciando a obra de Lélia Gonzalez, é um prazer. Você pega um livro super bem feito pela professora, e tá tudo ali, né? Inclusive, organizado ali por categoria, por ano, por tudo, uma boa diagramação, um livro confortável para ler. Então, é diferente, né? Então, a gente fica com uma enorme satisfação de poder ter essa preciosidade hoje na mão.

Primeira vez que eu peguei o livro de Lélia Gonzalez na mão foi o livro “Primavera Para as Rosas Negras”, na UERJ. Estava na UERJ, e eu lembro que eu chorei quando peguei esse livro na mão. E aí as minhas alunas: “ai, profa, sério? Tu chorando?”, né? Eu disse: “gente, é que vocês não têm noção como era difícil ler Lélia Gonzalez”, né?

Como era difícil encontrar os textos, encontrar os textos completos. E muito bem, por que que eu estou contando tudo isso para vocês? Porque quando nós entramos ali... e aí, bom, desde então eu vinha lendo muito Lélia Gonzalez, e nós, inclusi-

ve, tínhamos uma cadeira no Programa de Pós-Graduação em Educação, lá na Universidade Federal do Rio Grande, que é extremo sul do Rio Grande do Sul, com textos basicamente de Lélia Gonzalez.

Eu e o meu colega da Universidade Federal de Pelotas Márcio Caetano, ele sempre me falava assim: “Amanda, eu, como uma bicha, eu tenho que dizer que Lélia sempre respeitou a gente. Lélia sempre botou ali que os homossexuais deveriam ser aceitos, respeitados e ter seus direitos garantidos”.

Então, era muito legal essa cadeira, especificamente, porque a gente juntava todo o “lixo” da universidade, que era a única bicha que era declarada, né, assim, assumida; a única preta do departamento, eu, né?

Então, ficava ali aquela conversa, e sempre uma cadeira muito cheia de pessoas, assim, querendo participar. Bom, então quando entra ali 2000, a pandemia, aquele momento trágico da humanidade - e que, às vezes, as pessoas me perguntam: “ah, professora, como tá difícil as questões políticas, né, atuais no Brasil”.

Assim: “mana, você já esqueceu do outro presidente?”, né? Para mim tá, tipo: “olha, tá tudo indo às mil maravilhas. Se a gente pegar o outro...”, né? E aí as minhas alunas do curso de pós-graduação sempre me falavam assim: “professora, a gente precisa de um grupo de pesquisa”.

E eu falava: “ai, gente, não aperte minha mente. A gente não precisa, porque a gente já tem muito trabalho, a gente já faz muita coisa”.

E elas insistiam muito comigo nisso. Então, como a pandemia adoeceu muito a gente, uma sobrecarga, e a gente se sentia muito sozinha, então a gente... eu disse: “tudo bem. Vamos, então, pensar em um grupo de pesquisa.

Vamos pensar, então, a partir do que a gente, né, faz no cotidiano da universidade, e vamos pensar como é que nós vamos nomear esse grupo”.

Então, ali em 2000 se inicia essa conversa junto com as estudantes, e eu sou professora convidada de algumas outras universidades do Brasil, e a gente começa a conversar, então, sobre essa possibilidade. E aí a pergunta era que nome que colocava, né?

E aí surge muitos nomes, muitas ideias. “Professora, quem sabe aquela mulher, aquela feminista?”. E aí eu falava: “pois é, eu acho que ela não é a nossa cara, sabe? Pensando, assim...”. E, então, a gente chega nesse nome de pensar: “olha, a Lélia, né? Lélia Gonzalez nos representa”.

E aí foi muito interessante, porque cada uma foi falando, então uma disse: “não, a Lélia Gonzalez tinha muitos gatos, professora, e eu tenho muitos gatos”, né?

Mas a questão principal é que todas ali vieram da classe trabalhadora extremamente empobrecida, né? Então, quando Lélia vai dizer: “o lixo vai falar, e numa boa”, a gente compreendia perfeitamente o que que ela estava dizendo. Todas nós ali.

E, então, a gente chegou à conclusão de que é isso mesmo, vamos colocar o nome de Lélia Gonzalez. E aí a gente foi nomeando alguns pontos-chave na obra de Lélia Gonzalez que, para nós, eram questões que a gente já trabalhava nas pesquisas.

E uma observação também muito importante: ali, final de 2019, eu consegui o livro... consegui dois, na verdade, alguém não sabia o que estava vendendo, mas eu consegui dois livros do “Festas Populares”.

Quando aquele livro chega na minha casa e eu abro aquilo, aquilo me leva para um outro lugar, porque eu tinha visto esse livro já, mas tinha visto, assim, em PDF, um troço meio desorganizado, não dava para ver muito bem, não dava para ler muito bem.

E quando eu abri aquele livro, eu disse: “gente, ela é uma intelectual, mas ela é uma artista também”, porque ter esse olhar que ela tem sobre esse país continente na época em que ela viveu - porque ela é uma mulher da sua época.

Do seu tempo. “Em outra rua”. Adorei a frase, “em outra rua”, mas é uma mulher do seu tempo. E, inclusive, o meu livro tá no plástico bolha, né, lá guardadinho, e aí um dia o filho de Lélia me liga e diz: “aí, Amanda, eu preciso falar com você”.

Me mandou uma mensagem. Eu disse: “não, pode me ligar”, estava lá na casa da minha mãe. E todo mundo que me conhece sabe que eu tenho um amor muito profundo pelos meus livros.

Então, o Rubens disse: “ah, sabe o que é, Amanda? A gente tá querendo relançar o livro ‘Festas Populares’, e a gente queria o livro emprestado”. Eu disse: “gente, como é que eu vou dizer não pra esse homem?”, né? Eu disse: “não, com certeza, eu vou mandar pra você”. E o segundo livro não tinha chegado ainda, né? Falei para vocês que eu consegui comprar dois, de uma pessoa do Mercado Livre que não fazia ideia do que estava vendendo. E aí eu cheguei no correio com uma dor, né? Eu disse: “aí, moça, olha só”. “Quer seguro?”, eu digo: “olha, o que tu tá pegando aí não tem nem seguro de que pague isso aí, minha amiga. Não pode ser perdido isso. Isso tem que chegar no destino”. E o livro, de fato, chega no destino, né? Que é o que tá na exposição.

E tem o meu que tá no plástico bolha, num lugar super, assim, escondido. Não fica, tampouco, à mostra, porque aquele livro é algo impressionante da alma de uma artista.

Então... e aí eu disse para o pessoal, né, para o nosso grupo, então, que estava se formando ali em 2020. Eu disse: “olha, essa mulher é uma intelectual, uma poliglota, leu Simone de Beauvoir...”, uma das primeiras feministas brasileiras a ler Simone de Beauvoir, porque ela leu direto do francês, né, coisa muito fina isso, “e é uma artista”.

E aí, quando a gente estava ainda fazendo a pesquisa do nome, eu lembro que alguém me disse assim: “profa, quem sabe a gente bota Angela Davis?”. Porque Angela Davis estava muito na vitrine do Brasil, porque a Boitempo tinha lançado quase todas as obras dela naquele tempo. Eu disse: “gente, vamos fazer uma pesquisa quantos grupos tem com o nome de Angela

Davis”, né? E, bom, o CNPq saiu... um monte de... eu disse: “não, é que nós somos é brasileiras mesmo, né? Então, a gente precisa de uma mulher, uma professora”. Aí, então, Lélia Gonzalez. E nós começamos a levantar algumas questões que eram muito centrais para nós no pensamento de Lélia Gonzalez.

A primeira é a discussão que ela faz sobre a divisão racial do espaço, lá no livro “Lugar de Negro”. Porque a gente que dá aula, né, às vezes os estudantes me dizem: “ah, professora, negócio é o seguinte, esse negócio de racismo é coisa lá dos Estados Unidos”.

Eu digo: “ah, com certeza, não tenha dúvida disso. Vamos anotar aqui no quadro”, né? Mas aí eu sempre digo: “olha, você vai ter uma tarefa a fazer. Você vai num mercado perto da sua casa, pode escolher o nome do mercado...”, e como eu conheço bem a cidade, já sei mais ou menos onde fica. Eu disse: “olha, você vai ficar ali fazendo uma etnografia. Eu quero que você venha aqui depois e fale para nós: quantas pessoas negras têm trabalhado nesse mercado? Onde essas pessoas negras estão trabalhando?”. “Ah, mas eu vou ficar no mercado?”. Eu digo: “pode ir, meu bem. Você é branco. Nada vai lhe acontecer de passar um turno no mercado né? Já nós, fica difícil a gente ficar no mercado, porque as pessoas insistem que a gente vai roubar alguma coisa. Mas você vai tranquilo”.

E aí, essa etnografia que eu digo, né, é a prova de que existe uma divisão racial nesse país. Se a gente sabe onde encontrar preto, a gente sabe onde encontrar branco, nós temos um problema racial resolvendo esse país.

E Lélia Gonzalez vai dizer isso no alto da ditadura militar, com esse conceito específico, e que a gente trabalha muito dentro do grupo, né?

A divisão racial dos espaços, dos espaços públicos. E as políticas de ações afirmativas, Lélia sempre foi uma mulher que se preocupou muito. Então, às vezes as pessoas aparecem, assim, principalmente quando eu estou no Rio: “ah, eu fui aluna dela lá não sei quanto tempo, e sempre tem essa preocupação

dela com o bem-estar dos estudantes. ‘Estudante comeu?’, ‘estudante conseguiu chegar?’, ‘como é que ele chegou aqui’”, né? E eu fui professora no Norte.

No Norte, onde as estradas são rios, né? Então, eu lembro que uma vez... sempre eu tinha uns alunos que chegavam atrasados, muito... não sei. Então, um dia eu perguntei: “olha só, como é que vocês chegam...”. Ele disse: “não, é que a gente tem que vir na canoa. A gente leva uma 1 hora, 1 hora e 40 para chegar na universidade”. Então, eu perguntei: “alguém já perguntou isso pra vocês?”, “não, ninguém nunca perguntou”. Então, esse olhar sobre os estudantes que estão com a gente é uma preocupação que Lélia já tinha lá naquele tempo em que o movimento negro ainda estava elaborando... sério?

Ela também tem - eu gosto muito disso - a reivindicação do continente americano. Às vezes, a gente passa ao largo disso, né, mas Lélia sempre disse: “o continente americano”, “as pessoas dizem...”, ela abre aspas, né, “... ‘ah, eu estou indo pra América’. Tá, mas nós estamos na América. Nós estamos onde? Na Ásia?”. Ela escreve isso, né? Então, ela tem uma ironia que é muito própria do feminismo, e ela, então, vai trazer isso tudo numa obra muito interessante, né? Então, a reivindicação do continente americano sendo de todas nós. E agora que tá, né, em campanha política: “ah, vamos ver agora a campanha na América”. Mas que América, gente? Na Colômbia, é isso? Não, né? Na gringolândia.

E, por fim, mas não menos importante - e “por fim” só porque eu tenho que terminar mesmo -, mas Lélia... o conceito de “amefricanidade”, ela sempre traz uma questão de esperança. A obra de Lélia nunca é uma coisa que a gente lê e diz: “ah, eu quero me atirar na...”. Não. São conceitos de esperança. E eu trouxe... levei uma vez para minha aula uma gravação que teve de um festival de jazz, que estava Nina Simone cantando num piano, né, meio em transe, assim, e aí o restante da banda de jazz começou a tocar num outro ritmo, uma outra música.

E ela seguiu cantando a música dela no piano, no mesmo tom.

Isso quer dizer que eles estavam cantando... ela estava num tom, e o restante da banda de jazz também num outro tom, e ninguém desafinava. Isso é esse conceito de esperança. De dizer que o samba é nosso, mas o jazz também, mas a MPB também, mas o balé também, o hip-hop também.

Então, a gente vê a obra de Lélia Gonzalez sendo muito... de trazer muita esperança de um outro mundo possível, porque ela conseguiu, para muitas pessoas, um outro mundo possível. E eu sempre digo isso nas minhas aulas: ela não só deixou um legado escrito, mas deixou um legado de vida e um legado de professora. Porque as pessoas que foram estudantes, que tiveram com ela, sempre têm uma coisa maravilhosa para falar dessa mulher. E isso é ser professora, e isso é ter um conceito de “esperançar” no meio de uma tragédia que é a nossa colonização e o nosso processo de escravidão.

Então, falar de Lélia, para nós, para mim, é falar de um lugar com muita esperança.



Maíra de Deus Brito (Mediadora): Muito obrigada, Amanda. E agora, então, vou passar a palavra pra Márcia Lima.



Márcia Lima: Bem, boa noite a todas as pessoas aqui presentes. Eu quero começar agradecendo o convite para estar aqui hoje.

Saudar família Almeida presente. Agradecer... sempre que eu posso, eu agradeço a vocês a confiança que vocês nos depositaram naquele projeto do livro “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano”. À Fundação Banco do Brasil, novamente, mais uma vez, um projeto incrível. E eu estou cheia de ideias aqui, viu? Você sabe que eu sou perigosa.

Mas esses projetos memória aí, a gente tem muitas coisas legais que a gente pode construir. Eu vou começar rapidamente falando da experiência do livro, porque eu acho que ele é uma coisa muito marcante - não para todos os leitores, né, desse

livro, mas o processo de produção desse livro foi uma das coisas mais bonitas que eu vivi na minha carreira.

Estávamos na pandemia, né? Um momento bom, Carlos Hasenbalg, que é coautor de Lélia no livro “Lugar de Negro”, ele foi meu orientador de mestrado e um grande mentor. Meu grande mentor intelectual foi Carlos Hasenbalg.

Ele faleceu em 2014 e a família dele, muito gentilmente, me pediu para que eu cuidasse dos direitos autorais de toda a obra dele.

Então, hoje eu represento a obra. Eu sou a representante, né? Eu tenho os direitos autorais da obra dele. E pedi uma coisa muito simples: que todo o recurso que viesse relacionado à produção dele, aos livros, que eu revertesse para estudantes negros que precisassem de recursos. E assim eu tenho feito, de uma maneira muito informal porque o direito autoral vai para minha conta, e aí... então assim, eu sempre... e sempre tem alguém, e eu escolhi um formato de aluno para ajudar, que é aquele que termina a bolsa, mas não termina o trabalho.

Então, neste momento tem um estudante do doutorado, um estudante que entrou por cotas, na USP, no doutorado de Sociologia. Ele recebeu os direitos autorais do “Lugar de Negro” no ano passado, Douglas, e ele vai conseguir concluir a tese dele sem precisar sofrer. Pelo menos, esse sofrimento ele não vai ter.

Então, nós estávamos trabalhando no “Lugar de Negro”, que foi quando eu conheci Rubens, e o Ricardo Teperman, da Zahar, falou: “por que que a gente não faz um livro da Lélia?”.

Isso era fevereiro, março. Aí eu falei: “ah, tudo bem”, né? Eu falei: “bem, eu não tenho... seria impossível fazer esse livro sem a Flávia Rios”.

Liguei pra Flávia, ela: “nossa, que ideia! Vamos lá!”, né? E vamos lá mesmo, porque em seis meses o livro estava vendendo; foram cinco meses.

A gente selecionou os textos... a gente idealizou o livro, fez o projeto, idealizou os textos, trouxemos textos inéditos pro li-

vro, conseguimos livros na biblioteca na Suíça - porque estava tudo fechado, a gente tinha uma amiga que estava lá, ela digitalizou o livro.

Eu tinha acesso à biblioteca de Harvard, que também tinha coisas que não tinha no Brasil. Conseguimos trazer coisas inéditas. Fizemos essa organização do livro, né, refletindo muito o que foi a trajetória da Lélia e a maneira como ela produziu intelectualmente. Nós respeitamos cada vírgula da Lélia, né? Inclusive, os editores sempre têm: “ah, não, mas esse pedaço aqui tá no...”. Falei: “vai ficar como está. É o texto da Lélia”, né? Nós fomos muito fiéis ao texto dela. Fizemos muitas notas de organização, justamente para não interferir muito no texto, né? Então... e foi um projeto muito ousado, porque eu, realmente, a gente... eu me lembro, a primeira reunião com a Zahar foi em fevereiro. O livro foi lançado acho que em outubro. Então, uma coisa de maluco, né?

Somente com uma parceira incrível, que é a Flávia, uma pessoa que eu trabalho e conheço há muitos anos, que nós conseguimos fazer tudo isso: tradução, texto inédito... e olha, é uma sensação muito forte da presença dela conosco nesse processo todo. Muito forte, assim. Lélia participou ativamente da organização desse livro, né?

O que que estamos chamando de educação, o que que é educar?”, né? Educar, a gente tem muito do sentido formal da educação. O “movimento negro educador”, como a Nilma fala, né? O ativismo como uma forma de formação e educação. E eu vejo que a trajetória da Lélia é muito marcada pela educação, né - como o Rubens trouxe para a gente na fala dele.

Mas a Lélia, o que mais me impressiona, assim, na construção da figura da Lélia é que ela, no final dos anos 70, início dos anos 80, ela teve vivências e experiências indisponíveis para uma mulher negra. Simplesmente não havia no mundo, não havia no Brasil, a possibilidade de uma mulher negra, com a trajetória da Lélia, ter a trajetória que ela teve.

Com a trajetória de vida familiar que ela teve, ter uma trajetória intelectual. Lélia visitou, conhecia o mundo, falava dois idiomas.

Ela criou conceitos, formou pessoas - da maneira mais informal, podemos dizer assim, até chegar à universidade -, mas é uma pessoa que... é uma figura que sintetiza, né, na sua própria história, elementos muito atípicos da trajetória de uma mulher negra.

Eu estou um ano e meio fora da sala de aula, porque eu estou no governo, mas isso é uma questão que... eu sou professora da Universidade de São Paulo, né, que é uma universidade enorme, super reconhecida, né, tem ex-aluno querido aqui.

Mas hoje eu acho que o nosso grande desafio na educação, na decolonialidade, é lidar com a educação lacração. Eu tenho muita preocupação com isso.

Então, eu acho muito importante eventos como esse, porque não é trazer a obra da pessoa apenas - porque a pessoa pode vir aqui, juntar o que eu falei, ler a minha introdução que eu fiz lá no livro, pegar a resenha que saiu no jornal. Mas eu acho que, primeiro, não se constrói um pensamento, não se constrói uma ideia sem fazer o que Lélia fez. Sem fazer o que a gente, que é professor, e a gente que tá ali, né... a gente precisa recolocar, porque a educação decolonial, a educação transformadora passa pela educação mesmo, né?

E eu tenho muita preocupação que a gente não tenha... e por isso que docentes negros nas universidades - que também a diversidade racial nos espaços, ele também é um elemento de uma educação decolonial. Ele é um elemento que contribui para a gente enfrentar essas questões.

A gente tá nesse ano, nesse semestre, esse mês especial, trabalhando muito para a aprovação da prorrogação do PL de cotas no serviço público. Estamos na campanha “Aprimora Lei de Cotas”. Então, eu chamo todos vocês a se engajar nas campanhas que o Ministério tem feito em relação a isso, porque eu acho que se a gente não questionar os espaços, se a gente não questionar as formas de aprendizagem, se a gente não

subverter, como Lélia fez, eu tenho muita preocupação com o nosso futuro.

E ninguém subverte, ninguém transforma, se não for uma pessoa, né, que como tudo o que a gente lê sobre a Lélia, ela foi uma grande educadora e uma grande educadora decolonial. Muito obrigada.



Maíra de Deus Brito (Mediadora): Obrigada, Márcia.

Mas agora eu quero passar a palavra para nossa terceira palestrante, vou passar agora a palavra pra Aline Carvalho.



Aline Carvalho: Eu queria iniciar, né, essa minha fala saudando toda a família da Lélia, que tá aqui presente, porque eu acho que esse é o nosso maior legado, né? A família.

E esse evento é sobre isso, é sobre legado. Queria saudar também minhas companheiras aqui de mesa, a Maíra, Amanda e Márcia.

E eu sempre gosto de começar me apresentando. Então, eu me chamo Aline, eu sou mãe do Lucas e da Laura, são os dois que tão ali fazendo bagunça. Sou funcionária do Banco do Brasil de carreira, estou no banco há 21 anos, e atualmente eu estou na BB Seguro, onde eu atuo como gestora de uma área de TI.

Além disso, eu também sou escritora, eu escrevo livros infantis com personagens negros, e faço parte do grupo auto-organizado BB Black Power. Tem companheiras nossas ali.

Bom, eu hoje não estou aqui como uma especialista em Lélia ou em educação, mas venho como admiradora do legado de Lélia, especialmente nas questões antirracistas e antissexistas.

Ao me aprofundar na vida dela, percebi que temos muito em comum, mesmo que tenhamos vivido em épocas diferentes.

Lélia estudou e concluiu seus estudos no Colégio Pedro II, e eu também fiz meu segundo grau no Colégio Pedro II. Ela fez Geografia e História na UERJ, né - à época, a Universidade da

Guanabara -, e eu cursei Engenharia de Produção na mesma faculdade.

Na faculdade, Lélia conheceu Gonzalez, com quem viria a se casar, e a partir daí começou a sofrer racismo por parte da família. Eu, na época da faculdade, também tive um namorado com quem acabei terminando o relacionamento, em grande parte, devido ao racismo que sofria da família dele.

Longe de mim querer me comparar à Lélia. Ela era uma mulher muito especial e muito à frente do seu tempo.

Sua abordagem inovadora incorporou diversidade cultural e social, reconhecendo que cada aluno traz consigo uma rica bagagem de experiências e saberes. Lélia enfatizou a importância de uma educação inclusiva, onde todos têm voz, e onde as diferenças são vistas como fonte de aprendizado e não como barreiras.

Sua paixão e dedicação reverberam até hoje em práticas pedagógicas, que priorizam o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. A obra de Lélia transcende a sala de aula. Sua pesquisa e sua escrita desafiaram paradigmas, propondo uma educação que não se limita ao conteúdo, mas que busca formar cidadãos críticos, éticos e solidários.

Ela nos ensina que a educação deve ser uma ferramenta de emancipação, capaz de transformar não apenas a vida do indivíduo, mas de toda a sociedade.

Em tempo em que a educação enfrenta muitos desafios, o legado de Lélia nos lembra da importância de lutar por uma educação que seja verdadeiramente transformadora, que valorize a diversidade e que prepare os jovens para os desafios do futuro.

Além disso, a obra de Lélia enfatiza a interseccionalidade, mostrando como raça, gênero e classe estão interligados em lutas por direitos. Sua visão nos leva a repensar práticas pedagógicas, incentivando educadores a criar ambientes inclusivos que reconheçam e valorizem a pluralidade de identidades.

E é sobre isso. É sobre identidade, sobre fortalecimento, sobre pertencimento. É sobre não estar só. E tudo isso representa, pra mim, o BB Black Power. E é quando eu começo a entender todas essas questões da interseccionalidade que envolvem a questão racial - como o fato de ser mulher, uma mulher que vem do subúrbio, e por isso a questão econômica ganha peso -, então entendo que somos atravessados por conceitos de raça, gênero, sexo e classe. Conceitos que, como já havia dito, Lélia já trazia lá atrás e continuam atuais ainda no dia de hoje.

” No ventre da terra um canto ecoa. Mulheres negras, força que ressoa. Lélia, voz firme que a história abraça. Ergue a verdade na luta que não cessa. Bela e destemida, como a noite estrelada. Carrega as dores e a luz da jornada. Com pele de ébano, profundo e radiante. Desafiando o sistema e se reinventando a cada instante. Mães de resistência, guerreiras do ser. Na dança da vida, aprendendo a tecer. Histórias de luta, de amor e de fervor. Nos olhos que brilham um eterno clamor. São rainhas de um tempo que não se esquece. Cada passo firme, um legado que cresce. Celebramos a força que Lélia nos traz. A intersecção da luta na voz que se faz. Não somos apenas sombra em um mundo alheio. Ela disse, e ecoou como um grito em meio ao anseio. A beleza da raça, a força do ser. Na luta por espaço, um direito a tecer. Em cada verso, a liberdade canta. Na força das vozes, a esperança se levanta. Por todas as lutas que ainda virão. Ergam suas vozes, unidas em canção. Riquezas da alma, um mar de diversidade. Na luta e na arte, a verdadeira unidade. Que ecoe a memória, que floresça a verdade. Mulheres negras, eternas na eternidade”.



Maíra de Deus Brito (Mediadora): Muito bom, Aline. Obrigada. Gente, antes de encerrar, eu quero só agradecer. Eu quero agradecer ao público que ficou aqui até agora com a gente, quero agradecer à turma das Libras, que tá fazendo essa tradução tão importante. Muito obrigada. Agradecer à nossa cerimonialista. Agradecer às nossas convidadas, né, gente. E,

óbvio, à família de Lélia, por proporcionar isso para a gente. Gente, leiam Lélia. Lélia Gonzalez vive! Obrigada!



Cecy Wenceslau (Mestra de Cerimônia): Muito bem, gente. Muito obrigada. Agradecemos imensamente a todos e a todas as palestrantes pela contribuição excepcional. À nossa mediadora, Maíra de Deus Brito, muito obrigada. Também agradecemos a presença de todos e todas, e a participação ativa de cada um na discussão.

Realização:



Parceria:



**PROJETO
MEMÓRIA**

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:



@pm_eliagonzalez



@pm_eliagonzalez



pm_eliagonzalez